

Estado, movimento operário/proletário e anticomunismo na Paraíba (1930-1935)

Faustino Teatino Cavalcante Neto

Para pensar nas elaborações discursivas e nas práticas correspondentes das elites econômicas e políticas paraibanas, efetivadas pelo poder político do Estado, referentes ao comunismo e aos comunistas, encontramos equivalência com a tese de Motta (2002), que as situa no Brasil, no período compreendido entre 1917 e 1935, entendido como o dos “primórdios do anticomunismo no Brasil”.

Em nosso estudo de tese (CAVALCANTE NETO, 2013), investigamos as especificidades dessa matriz anticomunista na Paraíba no quadro que concluímos ser referencial de nossa pesquisa: as bases do anticomunismo nesse estado já se encontravam assentadas antes dos acontecimentos de 1935¹³¹ e foram forjadas a partir de 1917, ano em que a *questão social*¹³² foi mais evidente e que, por isso, também começou a existir por parte das elites dirigentes mais preocupação em disputar os sindicatos e associações proletárias com os que propalavam as ideias comunistas como solução para o problema operário então em evidência.

Neste texto, especificamente, objetivamos perceber como essa matriz anticomunista foi carreada pelos governantes paraibanos do pós-1930, quais sejam: os interventores José Américo de Almeida (05/10/1930-10/11/1930), Antenor Navarro (10/11/1930-26/04/1932), Gratuliano Brito (28/06/1932-26/12/1934) e José Marques da Silva

131 Tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas, realizado em novembro de 1935, pelo PCB em nome da Aliança Nacional Libertadora. Para aprofundar bem mais os meandros desse movimento, ver Motta, 2002.

132 O debate em torno da questão social surgiu no Século XIX, na Europa, com o objetivo de exigir a formulação de políticas sociais em benefício da classe operária que estava em pobreza crescente.

Mariz (27/12/1934-21/01/1935) e o governador Argemiro de Figueiredo (25/01/1935-22/11/1935), em seu primeiro ano de gestão. Para compreender bem mais esse quadro, elaboramos nosso estudo apresentando, inicialmente, as condições de possibilidades em que estava assentado o operariado paraibano, seus embates políticos e sua aproximação com as ideias advindas da Rússia Soviética para, em seguida, mostrar as ações e as representações das elites econômicas e políticas da Paraíba responsáveis pela sedimentação de um imaginário anticomunista nas três primeiras décadas do Século XX.

O aparelho estatal e o movimento operário/proletário¹³³: interposições em uma luta de classes na capital paraibana

Não diferentemente do que havia se verificado nas primeiras décadas do Século XX, o Estado¹³⁴ interventor do pós-1930 procurava se mostrar envolvido em discutir sobre as questões que inquietavam o operariado. Foi nesse sentido, por exemplo, que, no mês seguinte à vitória da “Revolução” de 1930, a interventoria paraibana (José Américo de Almeida) promoveu, no Teatro Santa Roza, o Congresso Proletário, entre os dias 07 e 09 de novembro. “Mais de seiscentos operários atenderam ao convite para tomar parte de seus trabalhos”, que foram coordenados por Fiúza Lima, quando “numerosas theses, versando o problema social entre

133 Para Cavalcante Neto (2013), o movimento operário paraibano das primeiras décadas do Século XX, diferentemente do caso europeu, era composto não só por trabalhadores fabris, mas também pelos que eram ligados ao setor de serviços (ferroviários, telegrafistas, telefonistas, estivadores, carroceiros, costureiras, alfaiates, padeiros etc.) presentes naquela sociedade.

134 Ao longo do texto, tratamos conceitualmente o Estado a partir da compreensão de Marx, segundo o qual “(...) o poder político do Estado representativo moderno nada mais é do que um comitê para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa”. Para esse autor, o Estado é um aparelho, cuja principal função é a de tentar impedir que o antagonismo de classe degenerem em lutas. Entretanto, esse mesmo Estado não se atém apenas a mediar os interesses das classes opostas e acaba por contribuir e reforçar a manutenção do domínio da classe dominante sobre a classe dominada. Cf. Marx, 1993.

nós, foram apresentadas e pela mesa tomadas em consideração” (Jornal A UNIÃO, 07, 08, 09, 11 e 18 nov., de 1930). Ao emitir convites na imprensa para “os operários de fábricas e oficinas e trabalhadores de ambos os sexos” se fazerem presentes àquele encontro, o governo também se expressou que era contra, por “higiene social e política”, a circulação de publicações clandestinas, em forma de boletins espalhados pela cidade, e denunciava como maus cidadãos os que, invocando as transformações verificadas na União Soviética, “prometiam uma liberdade e um bem estar incompatíveis com o que poderiam realizar em benefício dos obreiros” (IDEM).

Durante as interventorias de Antenor Navarro (10/11/1930-26/04/1932) e de Gratuliano Brito (28/06/1932-26/12/1934), as relações entre os trabalhadores e o Estado continuaram “amistosas”, como já firmadas nos anos anteriores. No tocante a Navarro, veja-se este trecho divulgado pelo jornal A União:

A classe operaria dessa capital prestou hontem ao dr. Anthenor Navarro, interventor federal nesse Estado, uma expressiva manifestação. As 15 ½ horas uma comissão de diversos sócios da Mechanica compareceu ao Palácio do Governo para fazer entrega ao chefe do executivo de uma moção de solidariedade e de apoio a acção programmatica da Revolução. Interpretou os manifestantes o nosso companheiro sr. Mardokêo Nacre, gerente dessa folha, que após a leitura da mensagem do operariado proferiu incisivo discurso terminando por felicitar o dr. Anthenor Navarro pela sua investidura no posto de interventor federal nesse Estado. O orador disse que não vinham fazer suggestões ao governo, pois, sobretudo confiavam na acção enérgica e efficiente do dr. Anthenor Navarro a frente dos destino da Parahyba e a sua attitude em beneficio da classe que representavam, cujos membros se confessavam solidários com as ideas revolucionárias.

Respondeu o sr. dr. Anthenor Navarro estendendo-se em consideração sobre a *questão social* e cuja physionomia se lhe afigurava a mesma no Brasil e em toda a parte. Estudou o problema do operariado em face da revolução brasileira e referiu-se com *sympatia* ao operariado da Parahyba cuja linha de conducta elogiou. Nas suas mais legítimas aspirações de ordem e de trabalho, o operariado havia de contar com o apoio do governo dentro do programma revolucionário (26 de nov. de 1930).

No Congresso Proletário, o Secretário Ademar Vidal coordenou uma comissão composta de industriais, comerciantes, bacharéis e técnicos a fim de diagnosticar as condições gerais da *questão social* e apontar sugestões para as dificuldades encontradas, o que resultou no trabalho “Problemas e Necessidades da Parahyba”, publicado em 1931. No capítulo referente à assistência social, a citada comissão destacou as principais reivindicações do operariado local: jornada de trabalho de 8 horas, lei de férias, proteção ao trabalho da mulher e do menor, “para trabalho igual salário equal”, pensões, aposentadorias e assistência médica (VIDAL, 1931, p. 18). Além de essas aspirações revelarem as precárias condições de trabalho nas indústrias paraibanas, esse documento evidencia, também, a preocupação dos que estavam a serviço da interventoria de Anthenor Navarro em conter a *questão social* através do corporativismo, ao procurarem promover a colaboração entre patrões e trabalhadores.

Parece-nos, todavia, que o ato mais expressivo do período da interventoria de Anthenor Navarro de procurar buscar o apoio daqueles operários se deu com a inauguração da Praça do Trabalho, durante a semana de homenagens pela passagem do primeiro aniversário de morte do ex-Presidente João Pessoa, entre 19 e 26 de julho de 1931. Essa data, simbolicamente, já começava a se revestir de um expressivo significado político.¹³⁵ Tais medidas do Estado se

135 Em 20 de julho de 1931, “às 14 horas, realizou-se a inauguração da PRAÇA DO TRABALHO. No local onde foi collocada a grande pedra de granito, no início

inscreviam em um projeto político que visava tutelar o trabalhador urbano que, segundo os representantes estatais, “já tinha quase tudo, não oferecendo risco de aderir ao comunismo” (ALMEIDA, José Américo de Almeida, entrevista ao jornal O Globo, Rio de Janeiro, *apud* A UNIÃO, 19 de out., de 1932). Parece-nos, porém, que os trabalhadores logo passaram a se apropriar daquela praça como um espaço simbólico de luta, já que, no tempo desta narrativa, identificamo-lo como o principal palco onde eles explanavam suas reivindicações.

Vemos que as primeiras manifestações trabalhistas ao já interventor Gratuliano Brito tiveram como palco inicial a Praça do Trabalho, de onde uma passeata partiu com destino ao Palácio do Governo, onde Rômulo de Avellar, “a pedido das associações proletárias e do partido operário em formação”, falou ao dirigente do Estado “não somente a saudação do operariado, como os postulados daquela visada organização que se baterá pelas reivindicações trabalhistas”. Em sua resposta, Gratuliano disse que “tinha a maior satisfação de verem debatidos, estudados e resolvidos” os problemas sérios que foram então expostos, desde que eles se subordinassem à ordem e aos supremos interesses da Paraíba. Reconhecia, por fim, que, “das classes, os operários são a que mais soffriam na actual situação, em virtude do desgoverno que foi o traço predominante da República errada e desvirtuada do período de mais de 40 anos encerrada com a vitória de outubro de 1930” e que se prontificaria para que “ao

da Rua São Miguel, já se encontrava considerável massa de operários, com as seguintes representações: da ‘União B. Operaria dos Trabalhadores’, da ‘Sociedade de Artistas, O. Mechanicos e Liberaes’, do ‘Centro dos Chauffeurs da Parahyba’, da Empresa de Construção Giovanni Gioia, da ‘Companhia Commercio e Indústria Kroncke’, da ‘Great Western Company Railway of Brasil’, da Imprensa Official, da Prefeitura Municipal, do Saneamento, da ‘Fábrica de Tecidos Tibiry’, da ‘Colônia de Pescadores Z-6’, do ‘Centro Operario Natalense’, da E. T. L. e Força, da ‘Alliança Proletária Beneficente’ e da ‘Sociedade União Graphica Beneficente Parahybana’, conduzindo quase todos os seus respectivos estandartes”. No marco da praça, foi aposta uma coroa de louros, em bronze, tendo ao centro, em letras negras, a seguinte inscrição: “Homenagem da classe operária ao Presidente João Pessoa – 26-7-931”. Cf. Jornal A UNIÃO, 21 jul., de 1931.

operariado fossem outorgadas as suas justas reivindicações” (Jornal A UNIÃO, 06 de jan., de 1933).¹³⁶

Parece-nos que o partido operário em formação, do qual falou Rômulo de Avellar, diz respeito ao Centro Político Operário, uma vez que o jornal estatal de 26 de abril desse mesmo ano traz uma matéria descrevendo “o comparecimento de mais de trezentos operários eleitores” a uma grande reunião na sede da Mecânica para discutirem sobre seus estatutos e apresentarem os membros do seu diretório (Jornal A UNIÃO, 26 abr., de 1933). Essa sessão foi presidida por Argemiro de Figueiredo, que foi convidado para se fazer presente naquela assembleia. Depois que os estatutos do Centro Político Operário foram aprovados, foi apresentado o programa do Partido Progressista, que também foi discutido e aprovado.¹³⁷ Com a reconstitucionalização, a deflagração do processo eleitoral e a organização dos partidos ocorridas naquele ano, o grupo político dirigente envidou esforços para adquirir o apoio dos operários aos seus candidatos, ao mesmo tempo em que as lideranças operárias procuravam continuar a parceria com o partido dominante, com a justificativa de que confiavam na “obra renovadora” do Estado “revolucionário” do pós-1930.¹³⁸

136 A partir de 1931, a Igreja Católica passou a fazer parte da programação das comemorações operárias, como foi o caso do aniversário de 50 anos da Mecânica, quando houve celebração de missa e aposição de crucifixo. Cf. Jornal A UNIÃO, 10 de set., de 1931. Já nessas manifestações a Gratuliano, sua inserção se deu nos seguintes modos: “Às 20 horas, da Igreja da Conceição partia o préstito cívico-religioso, conduzindo a bandeira do “Nego” e o estandarte dos Santos Reis e acompanhado pela banda de música do Regimento Policial do Estado. Durante o trajeto, pela Rua da República ao Palácio da Redenção, foi cantado por senhoritas o hynno dos Santos Reis” (Jornal A UNIÃO, 06 de jan., de 1933).

137 O Partido Progressista estava sendo constituído para arregimentar as diversas correntes favoráveis à “Revolução” de 30 e era dirigido, na Paraíba, por José Américo de Almeida, então ministro da Viação e Obras Públicas do Governo Provisório. Argemiro de Figueiredo era a figura-chave da administração de Gratuliano de Brito e do Partido Progressista em formação. Do primeiro, foi Secretário do Interior e Justiça, e do segundo, presidente do Diretório Estadual. Cf. Araújo, 2000, p. 10.

138 O Jornal A UNIÃO dos dias seguintes registra outras associações e sindicatos trabalhistas se filiando ao Centro Político Operário, assim como o presente debate sobre a próxima eleição para deputados à Constituinte Nacional, a realizar-

Dentro de suas possibilidades, os trabalhadores procuravam desenvolver esse tipo de política conciliatória porque entendiam que, através dela, poderiam, de forma mais imediata, conseguir garantias que, por mais que nos pareçam mínimas, representavam significativos ganhos em seu jogo cotidiano. Isso pode ser expresso nas razões que fizeram com que a *Mechanica*, o Centro dos Trabalhadores e o Centro Político Operário homenageassem o deputado federal Irenêo Joffily e o prefeito da capital, José de Borja Peregrino, em 28 de julho de 1933.¹³⁹ Essas associações se dirigiram às residências daqueles políticos para lhes entregar os títulos de sócios beneméritos - ao primeiro, pelos serviços gratuitos prestados como seu advogado, e ao segundo, pelo “acto do governador da cidade isentando de impostos as casas de palha e permitindo a reconstrução das mesmas” (*Jornal A União*, 29 jul.1933). Outro dado que expressa esses ganhos é o da ocasião em que a União Operária Beneficente comemorou o seu 14º aniversário de fundação enfatizando, dentre os pontos mais importantes, suas cerimônias festivas e a entrega do diploma de sócio benemérito a Gratuliano de Brito “pelos múltiplos serviços prestados, principalmente na edificação de sua nova sede” (*Jornal A UNIÃO*, 12 de out., de 1933).¹⁴⁰

se em 03 de maio daquele ano. As agremiações que gravitavam em torno do referido Centro, até as eleições de 1934, eram: o Centro dos Trabalhadores, o Centro Beneficente Paraibano, a Sociedade dos Artistas e Operários Mecânicos e Liberais, a Sociedade Proletária Beneficente “João Pessoa”, a Sociedade Beneficente Dois de Setembro, a Sociedade Esportiva Beneficente São Bento e o Sindicato Têxtil Tibiry.

139 Joffily havia sido eleito deputado federal nas eleições de 1º de maio desse ano, e Borja Peregrino havia sido nomeado prefeito de João Pessoa em 16 de fevereiro de 1931, gestando a cidade até 13 de novembro de 1934.

140 Outra conquista operária presente em nossa documentação foi o Hospital Proletário “João Pessoa”, que a União Operária Beneficente vinha idealizando fundar e construir desde 1930. Para tanto, passou a organizar festivais, com o fim de angariar fundos e desenvolver campanhas de doações junto ao governo do estado, o Banco do Estado da Paraíba, os empresários e os prefeitos municipais. Cf. *Jornal A UNIÃO*, 1930-1934. Como resultado das conquistas simbólicas, identificamos que os trabalhadores da capital também conseguiram, durante a gestão do prefeito José Ávila Lins (1928-1930), em meio às batalhas de memória, que fosse posto o nome do operário Alberto Britto em uma rua do Bairro de Jaguaribe, por ocasião do levantamento da planta da cidade. Cf. *Jornal A União*, 15 nov.1930.

Apesar dessas posturas conciliatórias, observamos que, durante esse ano, o debate em torno da *questão social* se mostrou mais acentuado tanto nas conferências trabalhistas quanto no jornal estatal, talvez carreado pela política de sindicalização das classes e pela discussão a respeito da reconstitucionalização do país, que foram os dois principais assuntos da arena política daquele período. No que diz respeito a esse primeiro ponto de pauta, observamos que, desde a Lei de Sindicalização (1931), um número significativo de sindicatos e associações beneficentes foi se configurando no cenário político paraibano, conforme vemos no quadro abaixo.

Quadro I – Sindicatos e associações de trabalhadores da Paraíba (1930-1932)			
Designação	Sede	Ano	Nº de sócios em 1932
Centro Proletário Alberto de Brito	Capital	1930	74
Centro Beneficente dos Barbeiros	Capital	1930	43
Associação Proletária Beneficente João Pessoa	Capital	1931	103
Sindicato dos Graphics	Capital	1931	158
Centro dos Trabalhadores	Capital	1931	92
União Geral dos Trab. de Transporte Marítimos e Porto	Cabedelo	1931	161
Sindicato dos Operários da Fábrica Tibiry	Santa Rita	1931	345
Centro dos Trabalhadores Barreirenses	Santa Rita	1931	72
Sindicato dos Auxiliares do Comércio	Guarabira	1931	108
União Operária Catholica	Campina Grande	1931	600
União dos Artistas e Operários	Patos	1931	46
Sindicato dos Auxiliares do Comércio	Capital	1932	279
União dos Estivadores	Cabedelo	1932	139
Sindicato Geral dos Trabalhadores	Campina Grande	1932	95

FONTE: GURJÃO, 1994, p. 149 e SANTANA, 1999, p. 223.

Entendemos que, apesar desse interesse do Estado pela tutela dos sindicatos, havia também a busca por uma solidariedade entre os próprios trabalhadores. Sugerimos, com isso, que as propostas de sindicalização do Estado coexistiram e concorreram com propostas sindicais autônomas dos operários paraibanos.

Talvez o debate político a que nos referimos também tenha possibilitado a parte de algumas dessas associações uma imprensa operária como mais um instrumento cultural de luta. Vemos, por exemplo, que a União Operária Beneficente fez circular uma edição do jornal *União Operária* nas comemorações do Dia do Trabalho e outra de *O Norte Operário* nas solenidades do 14º aniversário de sua fundação (Jornal A UNIÃO, 25 abr. e 12 out., de 1933). Já a Aliança Proletária Beneficente publicou um número do *A Alvorada* em homenagem ao seu 6º aniversário (Jornal A UNIÃO, 05 de mai., de 1933).

Não obstante essas organizações de resistência (associações, sindicatos, homenagens e imprensa), no transcorrer da interventoria de Gratuliano Brito (1932-1934), os trabalhadores continuaram manifestando apoio ao Estado por meio de suas agremiações e, sobretudo, do Centro Político Operário, sendo que, no último ano desse governo, a figura-alvo delas passou a ser José Américo, que era o dirigente do partido dominante, a quem o Centro Político Operário enviou apoio à candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República (Jornal A UNIÃO, 26 de abr., de 1934); parabenizou-o pela sua investidura no cargo de embaixador do Brasil no Vaticano (Jornal A UNIÃO, 17 de jul., de 1934); ofereceu banquete no Parque Arruda Câmara (Jornal A UNIÃO, 12 de ago., de 1934) e hipotecou apoio na Praça do Trabalho aos nomes que seu partido havia indicado para disputar as próximas eleições para presidente do Estado, senadores e deputados federais e estaduais, em 14 de outubro de 1934 (Jornal A UNIÃO, 16 de set., de 1934).

O contexto do debate da reconstitucionalização do país e suas ressonâncias nos estados girou, primeiro, sobre as eleições para deputado à Assembleia Nacional Constituinte, que ocorreram

em 03 de maio de 1933. Além do situacionista Partido Progressista, liderado por José Américo, e do oposicionista Partido Libertador, comandado por Joaquim Pessoa e Antônio Bôtto de Menezes, a atmosfera dita democrática fez surgir um pequeno movimento de intelectuais (liberais-radicais, maçons, protestantes, espíritas, exotéricos e comunistas), agrupado em torno da Liga Pró-Estado Leigo, que visava aprofundar o “Revolução” de 1930, sobretudo fazendo frente ao tradicionalismo da Igreja Católica expresso pela Liga Eleitoral Católica.¹⁴¹ A Liga Pró-Estado Leigo apresentou o advogado João Santa Cruz de Oliveira como candidato dessa legenda àquelas eleições, contudo, sem atrair o movimento operário para suas fileiras que, como dito, tinha firmado apoio ao Partido Progressista; e Anacleto Vitorino, presidente do Sindicato dos Estivadores de Cabedelo, um dos poucos que não havia aderido ao partido situacionista e tinha organizado o Partido Popular Paraibano com o registro de cem eleitores e lançado como candidato à Assembleia Nacional Constituinte Rômulo Rubens de Avelar.¹⁴²

Já no ano seguinte, quando do pleito para a Câmara Federal e para a Assembleia Legislativa do estado, que ocorreria em 14 de outubro, essa liga fundiu-se com a legenda ‘Trabalhador, Vota em Ti Mesmo’, que foi formada e dirigida pelo Partido Comunista do Brasil

141 Nesse contexto, as facções em disputa, embaixeadas com a legenda de João Pessoa, declaravam-se continuadoras de sua obra como forma de conseguir adesão dos operários, que, como vimos, demonstravam grande admiração pelo ex-presidente. Às vésperas das eleições seguintes, o Partido Libertador ainda procurava atrair a simpatia dos operários paraibanos para suas fileiras, o que fez com que o jornal oficial, a serviço do Partido Progressista, publicasse, “Como uma resposta altamente explícita as explorações políticas que a oposição vem fazendo em torno do momento político”, mensagens de alguns núcleos proletários em apoio aos candidatos indicados por José Américo. Foram eles: o Centro Político Operário, os operários do Depósito das Obras Públicas, o Centro dos Trabalhadores e a Sociedade Mecânica. Cf. *Jornal A UNIÃO*, 16 de set., de 1934.

142 Além de João Santa Cruz, faziam parte dela os advogados Horácio de Almeida e Renato Bastos, o jornalista Aderbal Piragibe, o professor José Gomes Coelho e o líder protestante Osias Gomes. Nos quatro distritos/turnos dessas eleições, Santa Cruz obteve, respectivamente, 444, 444, 414 e 466 votos, e Rômulo Avelar, 30, 00, 302 e 122. Cf. Mello, 1996, p. 496 e 498.

e, tendo o nome de Santa Cruz à frente, constituiu chapa completa para os dois níveis do pleito.¹⁴³ Para Mello (1996, p. 498), “tudo indica que [...] Santa Cruz já despontava como intelectual marxista e homem do Partido Comunista”, pois já vinha se batendo resolutamente contra o integralismo desde 1933, bem como advogando em favor de alguns sindicatos de operários da capital, o que pode ter contribuído, segundo esse autor, para os resultados obtidos naquelas eleições.¹⁴⁴

Isso não significa dizer que todos os sindicatos e associações proletárias paraibanas haviam aderido à influência santacruzista, uma vez que, como já exposto antes, as que haviam aderido ao Centro Político Operário também conferiram o seu apoio eleitoral ao partido de José Américo, um mês antes daquele pleito, em comício na Praça do Trabalho.¹⁴⁵ Outras não filiadas àquele Centro publicaram manifestos independentes: a União dos Retalhistas, que apoiou seu presidente, o industrial Delfino Ferreira da Costa, a deputado pelo Partido Progressista (Jornal A UNIÃO, 16 de set., de 1934); a Associação dos Empregados no Comercio da Parahyba do Norte,

143 Para a Câmara dos Deputados, concorreram: João Santa Cruz de Oliveira, Raymundo Nonato Cordeiro, Esteliano da Silva Monteiro e Osias Nacre Gomes. E para a Assembléia Constituinte Estadual, disputaram: David Falcão, Josibias Fialho Marinho, José Lopes de Andrade, João Francisco de Macedo, Cândido Pereira Viana, Manuel Lourenço das Neves, Manoel Bianor de Freitas, Luiz Gomes da Silva, Anacleto Vitorino da Silva, Manuel Isidro da Silva, Cesário Gonçalves da Silva, Euclides Magalhães, Pedro Sérgio Gomes, Joaquim Pereira do Nascimento, Antônio Henriques de Mello, José Amorim, José Coimbra de Araújo, Deocleciano Pereira Dativo, Leonel do Valle Mello, Abílio Lins Caldas, Fernando César de Paiva, José Mariano Arcoverde, José Malheiros Maciel, Colombiano dos Santos, Manuel Freire Costa, Pedro Crisóstomo Vieira, Orlando Xavier de Oliveira, José Torquato, José Simeão dos Santos, Elias Gomes de Araújo. Cf. Fernandes, 2009, p. 194.

144 Essa legenda não logrou êxito eleitoral. Seus candidatos a deputados federais obtiveram os seguintes votos: João Santa Cruz, 407; Osias Gomes, 410; Raimundo Nonato Cordeiro, 400; e Esteliano Silva Monteiro, 400. Já os deputados estaduais mais votados foram: João Santa Cruz de Oliveira, com 849 e 1.020; e David Falcão, com 812 e 876. Cf. Mello, 1996, p. 498.

145 Mello (1996, p. 502) descreve que Santa Cruz se dirigiu ao Sindicato de Operários em Indústria de Óleo e Saboraria e conexos quando soube do levante comunista de 23 de novembro de 1935. É possível que essa associação recebesse sua influência teórica.

que conclamou os empregados do comércio da capital e do interior do Estado, ferroviários, operários e o povo em geral para apoiarem a candidatura de Miguel Bastos Lisboa a deputado, também pelo Partido Progressista (Jornal A UNIÃO, 19 de set., de 1934); e Pedro Ulysses de Moura, presidente do Sindicato dos Estivadores de Cabedelo, que declarou que a “referida associação não tem compromisso de natureza partidária com qualquer agremiação política”, embora tenha afirmado que “sempre prestigiou e continuava solidário com o governo do Estado” (Jornal A UNIÃO, 16 de set., de 1934).

Ressalte-se, todavia, que esse foi o momento em que os comunistas paraibanos começaram a aparecer na cena política estadual e a disputar os grêmios trabalhistas com o Estado, que representava os interesses das elites econômicas e políticas de então. Esse surgimento dos comunistas se efetivou, sobretudo, quando da constituição da Aliança Nacional Libertadora (ANL) na Paraíba, entre os meses de março e julho de 1935, tendo como presidente João Santa Cruz de Oliveira, devido a sua ligação com algumas associações trabalhistas de João Pessoa e sua atuação nos últimos pleitos.

Como o governo estadual não se dispunha a atender às reivindicações dos sindicatos para efetivar as leis sociais que vinham sendo decretadas desde 1930, desenhou-se um quadro favorável para que o discurso propalado pela ANL começasse a atrair determinados núcleos operários da capital para suas fileiras. Assim, alguns sindicatos deixaram de lado a tática da negociação com o Estado e passaram a consubstanciar suas exigências por meio da ALN e da Frente Única Sindical, fundada em março de 1935, e que passou a funcionar de forma ativa “estimulando a criação de novos sindicatos e reforçando a luta dos operários” (GURJÃO, 1994, p. 150).¹⁴⁶ Talvez, por isso, é que

146 A Primeira Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil, realizada em julho de 1934, orientou seus militantes a fazerem todos os esforços no sentido de organizar movimentos grevistas por todo o país. Já a Frente Única Sindical (FUS) vinha sendo fundada nos estados do país, congregando os sindicatos reconhecidos ou não, e tinha como objetivo agitar, em sinal de protesto contra a Lei de Segurança Nacional, por meio de paredes, telegramas e boletins. Cf. Araújo, 1998, p. 231.

não conseguimos identificar na documentação analisada nenhuma homenagem ou condecoração das que, até então, vinham se dando por parte das associações aos políticos de plantão no decorrer daquele ano. Ao mesmo tempo, vemos que, durante as comemorações do 1º de Maio na Praça do Trabalho, uma comissão liderada pela Frente Única Sindical, sob o comando do deputado classista Anacleto Vitorino, agiu de forma mais direta, ao entregar uma lista de reivindicações ao governador Argemiro de Figueiredo¹⁴⁷.

Concordamos com os historiadores que abordam o tema ‘movimento operário paraibano’, ao defender que as relações entre os trabalhadores e o Estado se tornaram tensas nos anos de 1934 e 1935. Até então, os operários vinham resistindo por meio da negociação e, até, alcançando algumas garantias. Porém, no momento em que parte de suas reivindicações deixaram de ser atendidas, eles passaram a consubstanciá-las através de movimentos paredistas, como vemos:

Quadro II – Greves na Paraíba em 1934 e 1935			
Operários e/ou estabelecimento	Cidade	Duração	Reivindicações
Telegrafistas	Campina Grande e João Pessoa	?/07/1934	Solidariedade aos colegas de outros pontos do país
Operários da Fábrica de Fiação e Tecelagem Marques de Almeida & Cia.	Campina Grande	23 a 31/08/1934	Contra a dispensa de um dos trabalhadores dessa fábrica que se encontrava doente.
Trabalhadores de cais, trapiches e armazéns	Cabedelo	30/09 a 02/10/1935	Aumento salarial
Padeiros	João Pessoa	?/10 a 10/10/1935	Implantação da jornada de trabalho de oito horas, aumento salarial e revezamento de turmas

147 Na pauta, constavam melhores condições sanitárias e de assistência médica para os bairros proletários e transporte mais barato para os trabalhadores. Cf. Jornal A UNIÃO, 03 de mai., de 1935.

Ferroviários da Great Western	João Pessoa	04 a 13/11/1935	Aumento salarial
Operários da construção civil	João Pessoa	04 a 10/11/1935	Aumento salarial
Operários das fábricas de cigarros	João Pessoa	04 a 10/11/1935	Aumento salarial, direito de beber água fria, higiene geral, proibição de revestimentos às operárias e mais respeito a elas.
Telefonistas	João Pessoa	04 a 10/11/1935	Aumento salarial
Operários da fábrica de óleo e Saboaria I. R. F. Matarazzo	João Pessoa	04 a 10/11/1935	Aumento salarial e solidariedade aos companheiros em luta
Estivadores	João Pessoa	04 a 10/11/1935	Aumento salarial
Operários da indústria mobiliária	João Pessoa	05 a 10/11/1935	Aumento salarial

FONTES: GURJÃO, 1994, p. 157. Quadro elaborado pelo autor

Tais greves aconteceram depois que o governo federal decretou a ilegalidade da Aliança Nacional Libertadora (julho de 1935). A coordenação dos sindicatos envolvidos no movimento coube à Frente Única Sindical, cujo presidente era Francisco Xavier, e cujo advogado era João Santa Cruz. É importante registrar que as associações operárias da capital não aderiram àquele movimento de resistência. Os que participaram efetivamente foram: o Sindicato dos Trabalhadores em Cais, Trapiches e Armazéns, o Sindicato dos Trabalhadores em Padarias e Conexos, o Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, o Sindicato dos Operários e Empregados em Tabacarias, o Sindicato de Operários em Indústria de Óleo e Saboaria e Conexos, o Sindicato dos Operários da Indústria Mobiliária e o Sindicato dos Operários Estivadores de Cabedelo. Outras logo se congratularam com o governador Argemiro de Figueiredo quando foi debelado o movimento comunista de 23 de novembro daquele ano.¹⁴⁸

148 Centros proletários que enviaram telegramas hipotecando solidariedade ao governador Argemiro de Figueiredo depois da derrota do movimento comunista: Sindicato dos Auxiliares do Comércio de João Pessoa, Sociedade Mecânica,

Durante a semana de greves, a polícia atuou ostensivamente para “manter a ordem”, e a imprensa da capital demonstrou apreensão ao procurar acusar diretamente a ANL e os comunistas como responsáveis diretos pelo movimento: “Já se pensa, com razão, que os nossos pobres operários (...) estão inconscientemente servindo a trama de um plano preparado pelos ‘inocentes’ idealistas da Aliança Libertadora”, e alertou para o fato de que “A tática dos comunistas foi sempre esta: provocar a intranqüilidade em primeiro lugar, depois, de insustentabilidade pelas greves gerais para, no momento exato, aparecer o golpe ‘armado’” (Jornal A IMPRENSA, 09 de nov., de 1935).¹⁴⁹

Vemos, portanto, que, apesar de aqueles operários empreenderem as greves por razões que já lhes eram postas há muito tempo, foi-lhes atribuído o sentido de que elas só aconteceram por causa da influência dos “agitadores comunistas”. Ao mesmo tempo, notamos que o período correspondente a essas greves pode ser compreendido como o da fase em que os que falavam em nome do comunismo conseguiram atrair a simpatia de parte significativa do movimento operário paraibano que, até então, vinha mantendo uma relação de negociação com o Estado.

Objetivamos analisar o movimento operário/proletário paraibano entre 1930 e 1935, para mostrar como ele, diferentemente de outros centros urbanos do país, procurou se conservar distante das ideias anarquistas, socialistas ou comunistas e optou por uma relação de negociação com o Estado. Essas ideias foram propagadas

Centro Proletário “João Pessoa”, Sociedade Operária “Silva Mariz”, Sindicato dos Estivadores de Cabedelo, União Operária Beneficente de Itabaiana e União Artistas Operários de Itabaiana. Cf. Jornal A UNIÃO, 05-17 de dez., de 1935. É possível que esses grêmios proletários tenham preferido continuar a manter sua relação de conciliação com o Estado e evitado aproximação com os militantes comunistas.

149 O término desse movimento paredista se deu no sábado (09/11/1935), depois de um acordo firmado no Palácio do Governo entre uma comissão de representantes de grevistas e o secretário do Interior e Segurança Pública, José Mariz. No mês seguinte, os empresários não cumpriram o combinado e foram assegurados pela onda repressora do Estado desencadeada depois do levante comunista. Cf. Gurjão, 1994, p. 162.

por um restrito grupo de intelectuais que as viam negativadas pelo jornal oficial *A União*. Porém o período de 1934 a 1935 foi marcado pela relativa aproximação de alguns sindicatos com os movimentos esquerdizantes em evidência, quando se efetivou, de forma mais sistematizada, uma intensa propaganda objetivando negativar o comunismo e seus seguidores, como veremos a seguir.

O jornal estatal *A União* e a força das palavras: a “ameaça” comunista

Analisemos, agora, o conjunto de representações das elites econômicas e políticas da Paraíba que foi responsável pela sedimentação de um imaginário anticomunista nas quatro primeiras décadas do Século XX. Para isso, investigamos uma das principais fontes a fornecer argumentos para a elaboração das representações acerca da “ameaça” comunista na Paraíba. Trata-se do jornal *A União*, importante instrumento que traduz o sentimento oficial da época, uma vez que era o porta-voz do pensamento do Estado e do projeto político-ideológico das elites por ele representado, além de ter sido o periódico de maior circulação na Paraíba durante o período em estudo. Assim, é nosso objetivo entender o que seus textos apreendiam a respeito do comunismo e dos comunistas para mostrar suas nuances anticomunistas entre 1930 e 1935.¹⁵⁰

As transformações políticas desencadeadas pelo movimento “revolucionário” de 1930 contribuíram para que o comunismo deixasse de ser visto por seus adversários como um problema

150 Fundado no dia 2 de fevereiro de 1893, pelo então Presidente da Província, Álvaro Machado, o jornal *A União* é o periódico mais antigo dos que hoje circulam no estado da Paraíba. Surgiu como órgão do Partido Republicano da Paraíba e apresenta-se como associado à oficialidade, evidenciando o poder político predominante no Estado em cada momento de sua história. De um modo geral, seu conteúdo fundamenta-se em exaltar os atos do governo nacional e local ou as obras públicas implantadas pelos governos vigentes, bem como as discussões públicas que refletem as relações de poder estabelecidas. É importante registrar que o referido jornal, por meio de suas estratégias discursivas, visava influenciar o leitor quanto ao bom desempenho político do governo da época. Cf. Martins, 1977, p. 25-63.

relacionado à Europa e passasse a ser encarado cada vez mais como um perigo interno, já que foi tomado por certo número de pessoas como uma opção pelo modelo liberal derrocado depois da Grande Depressão.¹⁵¹ Hilton (1986, p. 31) diz que o fechamento de “fábricas e a crise geral produziram mais instabilidade no meio operário, e o PCB, respondendo, em parte, à pressão do Comintern, tentou intensificar suas atividades, visando estimular o descontentamento dos trabalhadores.” Essa presença comunista, que também se fez expressar por meio de uma literatura que procurava chamar a atenção dos trabalhadores brasileiros sobre o progresso material da Rússia, fez com que os setores conservadores acentuassem os anticomunismos no Brasil.

Constatamos que esse mesmo quadro se repetia na Paraíba. Apesar de as relações entre os trabalhadores e o Estado continuarem “amistosas” entre 1930 e 1934, o governo logo se posicionou na imprensa oficial contra a circulação de boletins clandestinos distribuídos pela capital paraibana, acusando de maus os cidadãos que invocavam as mudanças processadas na União Soviética como promessa de “uma liberdade e um bem estar incompatíveis com o que poderiam realizar em benefício dos obreiros” (Jornal A UNIÃO, 07 de nov., de 1930). Diante dessa situação, o Estado passou a atuar em duas frentes: primeiro, operando a repressão sobre os trabalhadores por meio de ameaças aos que insurgissem contra a ordem estabelecida e, segundo, empreendendo uma acirrada campanha na imprensa paraibana no sentido de postergar qualquer ideia de mudança e inculcar a imagem exagerada do “perigo vermelho”.

Ao observar esse ressurgimento da campanha anticomunista no periódico estatal, de forma cada vez mais intensa e sistemática,

151 Depois de 1930, vários documentos oficiais passaram a dar conta das orientações do Comintern (Terceira Internacional Comunista), para que os comunistas redobrassem seus esforços na América do Sul. Tais fontes serviram para reforçar a imagem de um continente assediado pelos soviéticos, cujo propósito era o de deixar a Europa entre dois fogos, a Rússia e a América em estado de revolução permanente. Esse suposto plano soviético estabelecia o Brasil como espaço estratégico de ataque à América do Sul. Cf. Hilton, 1986, p. 32-34.

conseguimos listar os títulos que seguem entre 1931 e 22 de novembro de 1935, data em que ocorreu o levante comunista, conforme disposto no quadro que segue:

Quadro III – Títulos das matérias e dos editoriais anticomunistas do jornal A União (1931- 22/11/1935)
1931
Que é Communismo? O que tem sido, através dos tempos, a evolução dessa modalidade avançada do socialismo. Do livro “Olho de Moscou”, de combate as theorias communistas e editado por “Gazeta Policial” (04/02)
A Legião de Outubro através da palavra de seus organizadores. Uma idéa nascida nas trincheiras – Acção educativa e política pela influencia moral junto aos governos – A defesa da Revolução pela conquista dos ideaes que a geraram – Restabelecimento das energias desagregadas – Nem communismo, nem fascismo – Como o sr. Raul Bittencourt synthetizou os objectivos da instituição. Correspondência do Rio (01/03)
O communismo e o sentimento brasileiro. D’ “O Jornal” do Rio (17/03)
Campanha ante-communista. Nota do jornal A UNIÃO (19/03)
A questão social e o momento brasileiro. Organização syndicalista. Editorial (29/03)
Presta atenção, trabalhador! Editorial (30/04)
A imprensa dos Sovietes. PARIS, março. Especial para A UNIÃO (12/05)
A Russia e os direitos autoraes. BERLIM, julho. Especial para A UNIÃO (04/08)
O Communismo em Belém. Matéria paga (17/12).
1932
COMMUNISMO OU ANARQUISMO? Editorial assinado por Samuel Duarte (21/01)
O CINEMA SOVIÉTICO. A PROPAGANDA MONÓTONA DA REVOLUÇÃO MUNDIAL – UM FEITIÇO QUE VIRA CONTRA O FEITICEIRO – A CINEMATOGRAFIA RUSSA É PUERIL PARIS, 20. Correspondência aérea (20/02)
CONTRA OS PROCESSOS COMMERCIAES SOVIÉTICOS. A expectativa de intervenção da sociedade das nações. LONDRES, abril. Correspondência epistolar (17/04)
RUSSIA. A VIGOROSA PREPARAÇÃO MILITAR DA MOCIDADE – MOSCOU, 27 (28/04)
OS HORRORES BOLCHEVISTAS DO DNIESTER. A repercussão dos massacres de Dniester – Os intellectuaes ucranianos em guarda – O que diz o seu apello á civillização occidental. PRAGA, maio. Correspondência epistolar (25/05)

1933
Chimera comunista. Matéria do jornal assinada por F. Medeiros (05/07)
1934
CONFLICTO APÓS UM “MEETING” COMMUNISTA. O capitão Felinto Muller, chefe da polícia do Rio, fala ao nosso correspondente. Assinada por A UNIÃO. RIO, 24. Nacional (25/08)
Os mussulmanos da Russia estão fugindo para a Índia. Assinada por A UNIÃO. BOMBAIM, 18 (19/10).
Assassinado pelos communistas? Assinada por A UNIÃO. RIO, 5. Nacional (06/11)
Stalin exige novo juramento de fidelidade dos seus correligionários. MOSCOW, 27 (28/12)
1935
A REPRESSÃO AS ACTIVIDADES ANTI-SOVIETICAS. Medidas excepcionalmente rigorosas são adoptadas contra os adversários do governo da Rússia – O protesto dos laboristas ingleses MOSCOU, 5 (06/01)
A Russia Soviética vista por um jornalista brasileiro. Assinado por A. B. RIO, 21. Nacional (22/03)

FONTE: Jornal *A União*, 1931-1935. Quadro elaborado pelo autor

Com o título ‘Que é Comunismo? O que tem sido, através dos tempos, a evolução dessa modalidade avançada do socialismo’, a primeira matéria anticomunista dessa década, expressa no jornal *A União*, ocupou toda a sua segunda página e metade da terceira. Tendo como base o livro ‘Olho de Moscou’, o texto descreveu o seu propósito da maneira seguinte:

Esmerilhemos as minúcias do plano diabólico concebido pelos Soviets para envolver o mundo. Sendo nosso intuito incutir no espírito de todas as correntes de opinião a necessidade de um combate systematico ao regime político-social que infelicitiza a Russia, cumpre-nos expor o assumpto em moldes accessíveis a todas as inteligências (Jornal *A UNIÃO*, 04 de fev., de 1931).

Notamos que o seu autor procurou chamar a atenção do público leitor para a preocupação com a possibilidade de expandir a revolução soviética sobre o mundo e a necessidade de combatê-la, o que também se nota na maioria das matérias seguintes. Com esse propósito, ele elaborou seu extenso texto com a proposta inicial de se pensar em uma história do comunismo ao longo dos tempos para, em seguida, examinar o método revolucionário posto em prática na Rússia, destacando seus principais fundamentos, suas técnicas de propaganda, seus desdobramentos quando da subversão à ordem e sua ação direta sobre o poder. E conclui com estas palavras:

Como se vê, a montagem da machina revolucionária de Moscou é perfeita. Isso não pode significar que a civilização esteja vencida, incapaz de neutralizar o perigo. Não! A Russia succumbiu porque estava atordoada: o mesmo, porém, não se dá nem se dará conosco. Estamos, de há muito, sufficientemente advertidos. **Repellimos o regime social comunista, porque não queremos destruir as conquistas liberaes da democracia.** Estamos na phase decisiva da repulsa, dispostos não a um combate platônico, mas a uma batalha de vida ou de morte. **O governo da República está vigilante. Presta ao regime um serviço de grande benemerência e alto patriotismo. Unido ao povo, constitue a vanguarda da lei contra a tyrannia.** E dilata, cada vez mais e sempre, o espaço que, no terreno das idéas, medeia entre o Brasil e a Russia. Ainda bem. Quanto mais longe estivermos daquelle foco de misérias sociais, de vícios sem símile, de theorias absolutistas erigidas em forma de governo, tanto menor será o perigo contra o qual, de norte a sul, se levantam todos os bons brasileiros, aquelles que irão até o sacrificio da própria vida na **defesa da liberdade e da grandeza da terra em que nasceram** (Jornal A UNIÃO, 04 de fev., de 1931. Grifos nossos).

Essa narrativa é reveladora no sentido de entendermos como o liberalismo político continuou sendo base para as representações

anticomunistas no início da década de 1930. Ao mesmo tempo, apresenta como o nacionalismo passou a constituir também uma importante matriz do anticomunismo brasileiro, como proposto por Motta (2002, p. 29). Segundo esse autor, o nacionalismo que serviu de inspiração para os anticomunistas é fundamentado na “visão da nação como conjunto orgânico, unidade superior a qualquer conflito social. Esse nacionalismo de viés conservador enfatiza a defesa da ordem, da tradição, da integração e da centralização, contra as forças centrífugas da desordem.” (IDEM). No editorial, ‘Presta atenção, trabalhador!’, a imprensa oficial emitiu representações que demonstram mais claramente como o nacionalismo foi tornando-se mais presente naqueles anos. Vejamos o trecho abaixo para termos uma ideia desse conteúdo:

Cuidado com os que te querem enganar! Abre teus olhos com os que pagos pelo dinheiro estrangeiro querem fazer dos teus braços, que são alavancas do progresso, degraus de escada para se escarrapacharem no poleiro da governança! Desconfia desses “propagandistas” comprados pelo governo russo, como aquelle falso garçom de Santos, que morava num palacete, e fazia-se passar por pobre para assim melhor te illudir! És brasileiro como eu! Como eu sentes palpitar no coração a chamma ardente do amor da Pátria! Patriota como és, trabalhador do Brasil, eu que te vi de armas na mão em todos os lances heróicos da nossa história sei que está na tua consciência que os nossos problemas, as nossas questões devem ser resolvidas entre nós brasileiros, brasileiramente, sem interferência de estrangeiros, e sem imitação ou cópia de coisas estrangeiras. E esses propagandistas do communismo não são senão agentes da Rússia, que quer lançando os brasileiros contra os brasileiros, transformar a nossa Pátria num “Soviet” ligado a URSS (União das Republicas Socialistas Soviéticas), obediente ao governo russo (Jornal A UNIÃO, 30 de abr., de 1931).

Aqui notamos alguns aspectos importantes do anticomunismo de inspiração nacionalista e que são identificáveis nas demais matérias jornalísticas. Primeiro, a acusação de que os militantes comunistas eram agentes a serviço de uma potência estrangeira, a URSS, o que os tornava traidores de seu país; segundo, o amor à pátria e as tradições, a índole, a crença, a consciência e o sentimento brasileiro não teriam como ser compatibilizados com o ideal bolchevista, elaborado em terras muito distantes do Brasil; terceiro, a referência de que as ideias defendidas pelos membros do PCB seriam formulações provenientes da Rússia que não teriam nenhuma relação com a realidade nacional; e quarto, se os comunistas tivessem sucesso em seus intentos traidores, o destino do Brasil, entregue aos desígnios do império russo, seria tenebroso.

O articulista procurou dar significado à ideia de nação como um conjunto uno, indiviso, intocável e sagrado do povo brasileiro. Nesse contexto, os comunistas seriam elementos deletérios, já que incitavam a divisão e a destruição do “corpo” nacional, porque insuflavam o ódio entre trabalhadores e patrões. Vemos, portanto, que o discurso anticomunista propunha inventar ou recuperar uma tradição para “salvaguardar” a sociedade brasileira do comunismo, em que a construção do ideal de nação tomava importância maior já que reforçava outros valores que eram considerados como imutáveis, como, por exemplo, a religião e a família. A propósito da primeira, o mesmo editorial expressa:

Até mesmo a crença em Deus, a religião, a família, tudo isto é perseguido pelo comunismo russo. Desse modo, catholicos, protestantes, espíritas, etc., os sectários de qualquer religião são perseguidos pelo comunismo. Basta a pessoa acreditar em Deus para ser mal vista, para ser odiada. Lenin, fundador do comunismo russo, dizia odiar a Deus, como seu inimigo pessoal e por isso queria guerrear-o e afrontar-o. [...]. No A.B.C. do Comunismo, no seu § 22, os padres, os pastores e seus ministros das religiões são comparados as prostitutas e se afirma que hão de desaparecer no caso da victoria

do comunismo. [...]. A crença em Deus é o poder mais forte que sustenta o homem, evitando-o a fazer o mal. Ora, os comunistas querem acabar com essa crença, instituindo o ateísmo oficial, por isso a immoralidade, o crime campeiam na Rússia (Jornal A UNIÃO, 30 de abr., de 1931).

Em seguida, argumenta-se sobre a condição da família na Rússia Soviética:

O governo comunista não só tomou para si os instrumentos de produção, como também se intrometeu na família, para desmantelá-la. O indivíduo na Rússia casa-se tantas vezes quantas quer, ficando os filhos havidos desses “casamentos”, pela impossibilidade econômica dos pais em sustentá-los, ao abandono. Dahi o número elevado das crianças sem tecto. E por isso também é que a infância na Rússia está pervertida e na miséria; e a população adulta degenerada pela immoralidade, pela prostituição, pelos vícios contrários a natureza (Jornal A UNIÃO, 30 de abr., de 1931).

Antes de esse trecho ser apresentado, o autor relacionou alguns dados extraídos de documentos bolchevistas, cujos registros seguem: que, no ano de 1922, existiam 2.000 crianças abandonadas na região do Volga e 1.650.000 na Ucrânia; no primeiro semestre de 1923, foram cometidos 23.317 crimes por menores de 17 anos; e a comissão central de localização de crianças havia examinado 53.000 mocinhas com menos de 16 anos e verificado que 46.640 (88%) se achavam prostituídas. Percebemos que a preocupação em imprimir uma imagem deturpada do regime soviético fez com que o autor do texto usasse dados do início da década anterior, na ocasião da grande seca¹⁵², para corroborar o seu regime de verdade referente à “realidade” russa do início dos anos 1930.

152 Trata-se da seca ocorrida na Rússia, entre os anos de 1921 e 1922, que afetou, principalmente, a região de Volga-Ural e chegou a matar cerca de cinco milhões de pessoas.

Assim, o comunismo e os comunistas passaram a ser representados como o oposto de pátria, religião e família, princípios supostos na sociedade brasileira como naturais e inquestionáveis. Essa produção de sentidos também é percebida por Bethânia Mariani:

[...] o fato é que o uso da palavra “comunismo” nos jornais, ao longo dos anos, para além de designar uma ideologia partidária, passou a determinar um sentido que, como já mencionamos, é sempre negativo. Hegemonicamente, a produção de sentidos para “comunista” gira em torno de “inimigo”, o outro indesejável. Se o lugar de inimigo já está previamente assinalado no imaginário social, significar o comunismo e os comunistas desse modo possibilita torná-los visíveis, singularizá-los e, assim, deixá-los isolados e sob controle, como todo inimigo deve ficar. A denominação “comunista”, então, passa a corresponder a sujeitos cuja identidade e modo de agir já se encontrariam previamente significados em termos sócio-históricos (MARIANI, 1998, p. 107-108).

Nesses termos, esse editorial do jornal oficial é sintomático tanto por indiciar como os trabalhadores paraibanos eram conclamados a evitar o “credo de Moscou” quanto por revelar as preocupações das elites econômicas e políticas com a possibilidade de seu meio operário se envolver com as ideias comunistas em resposta à *questão social* também presente na Paraíba de 1931. Essa observação se torna mais evidente ao percebermos que os mesmos objetivos também podem ser captados no jornal *Brasil Novo*, que era o porta-voz do grupo político dissidente e opositor ao que se encontrava no comando do poder estatal depois da “Revolução” de 1930.¹⁵³ Embora existissem diferenças entre as

153 O jornal *Brasil Novo* foi um semanário fundado por Tancredo de Carvalho, na cidade de Campina Grande, em 10 de janeiro de 1931, e cuja última edição foi datada de 06 de fevereiro de 1932. Cf. Araújo, 1986, p. 86. Em parte de sua coleção, conseguimos identificar, entre matérias e editoriais, dez textos anticomunistas: “O Communismo traz as mãos manchadas de sangue humano. Olhar para a sua phisionomia, onde se estampam a hidiondez e a ferocidade de criminosos

posições políticas dos grupos políticos paraibanos, os objetivos de seus discursos eram os mesmos, quando se tratava de combater o comunismo, já que ele atacava, em tese, os princípios burgueses.

Constatamos, portanto, que o jornal *A União* efetivou uma dinâmica campanha anticomunista entre a segunda metade da década de 1920 e novembro de 1935, o que nos obriga a não aceitar as explicações que dizem que o comunismo se configurou como um inimigo a ser combatido no Brasil, e na Paraíba especificamente, somente depois do levante comunista de novembro de 1935, quando o “perigo” se tornou mais “real”. Ao longo desta nossa escrita, tentamos chamar a atenção para o fato de que essa construção do comunismo como inimigo da nação e todas as suas decorrências deve ser pensada não apenas em 1935 e estudada como um processo histórico decorrente, sobretudo, do período subsequente à Revolução de Outubro de 1917.

Referências

Fontes

Jornal *A Imprensa*, 09 nov.1935.

Jornal *A União*, 1931-1935.

Jornal *Brasil Novo*, 1931.

natos, equivale estudar um mundo de projectos, que têm por fim não a paz da sociedade, não o progresso da Patria, mas o systema anachico, o esmagamento do proletariado, a extinção completa da idéa de Deus” (28 mar.1931); “O homem da ‘baratinha’ azul. DIÁLOGO DE UM OPERÁRIO E DE UM COMUNISTA. Como se organisa o governo na Russia” (11 abr.1931); “Communismo ou fome?” (18 abr.1931); “O homem da ‘baratinha’ azul. DIÁLOGO DE UM OPERÁRIO E DE UM COMUNISTA. A organização do trabalho e a situação proletária da Rússia” (18 abr.1931); “O homem da ‘baratinha’ azul. DIÁLOGO DE UM OPERÁRIO E DE UM COMUNISTA. A família – Socialização da mulher – Paternidade e educação das creanças” (25 abr.1931); “O homem da baratinha azul’. O primeiro impacto directo com um comunista declarado. Lenine queria o governo a todo preço” (02 maio.1931); “O homem da baratinha azul’. A evolução do regime soviético. COMO UM PROPAGANDISTA EXPLICA AS APOSTASIAS DE UM APÓSTOLO” (16 maio.1931); “O homem da baratinha azul’. O Manifesto de Luiz C. Prestes. A fortuna do camarada Krassine” (13 jun.1931); “O terror na Russia Soviética. Episódios da Revolução Comunista” (04 jul.1931); “A ignorância na Russia Comunista. Um caso narrado pela imprensa official de Moscou” (26 jul.1931).

Bibliografia consultada

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. **A construção do consentimento: corporativismo e trabalhadores no Brasil dos anos 30**. São Paulo: Edições Sociais, 1998.

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: imprensa e vida**. Jornalismo impresso (1826-1986). 2. ed. Campina Grande: GRAFSET, 1986.

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. **A ameaça vermelha: o imaginário anticomunista na Paraíba (1917-1937)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

FERNANDES, Flávio Sátiro. **História constitucional da Paraíba**. 2.ed. São Paulo: Editora Fórum, 2009.

GURJÃO, Eliete de Queiróz. **Morte e vida das oligarquias. Paraíba (1989-1945)**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1994.

HILTON, Stanley. **A rebelião vermelha**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

MARTINS, Eduardo. **A União**. Jornal e história da Paraíba. Sua evolução gráfica e editorial. João Pessoa: A União, 1977.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 9º ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MELLO, José Octávio de Arruda. (et al.). **João Santa Cruz: o patriarca do comunismo na Paraíba**. História & Debate na Assembléia da Paraíba. João Pessoa: A UNIÃO, 1996: 485-586.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SANTANA, Martha Maria Falcão de Carvalho e Moraes. **Poder e intervenção estatal**. Paraíba (1930-1940). João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

VIDAL, Ademar. **Problemas e necessidades da Parahyba**. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1931.